

EXPOSIÇÃO

ARTE,
AMAZÔNIA
E SEUS POVOS:

A Amazônia é agora!
A Amazônia somos nós!



ARTIGO¹⁹

A exposição "Arte, Amazônia e seus Povos: A Amazônia é agora! A Amazônia somos nós!", iniciativa da ARTIGO 19 Brasil e América do Sul, reúne 19 obras de artistas, coletivos e comunicadores de diversas regiões do país, celebrando a força criativa, política e ancestral da Amazônia e de seus povos.

Com linguagens que atravessam a fotografia documental, o bordado, a pintura, a performance, a arte digital, a ilustração e outras formas híbridas de expressão, as obras convidam o público a reconhecer a Amazônia não apenas como bioma, mas como território vivo — habitado, construído e defendido por comunidades que sustentam a floresta com saberes, memória, trabalho e resistência.

Selecionadas por sua potência poética, clareza de mensagem, consistência conceitual e diversidade territorial, as criações dialogam diretamente com os desafios da COP 30, que aconteceu em Belém do Pará em 2025, e com as urgências de justiça climática, soberania dos povos tradicionais e proteção da biodiversidade. A exposição prioriza artistas da Região Norte e contempla também criadores de outros estados que mantêm vínculo direto com as discussões amazônicas. Tivemos representantes de Roraima, Rondônia, Amazonas, Pará, Acre, Maranhão, Ceará, Alagoas, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e Rio de Janeiro

Entre os destaques, estão obras que reinterpretam ancestralidades indígenas; que denunciam impactos ambientais como queimadas, poluição dos rios e avanço da monocultura; que registram a vida ribeirinha, quilombola e comunitária; que documentam marchas, mobilizações e deslocamentos de povos amazônicos rumo à COP; que celebram rituais, gestos cotidianos e vínculos com o território; e que reafirmam a arte como ferramenta de luta, memória e imaginação política.

Dos corpos-floresta às paisagens de resistência; das narrativas de mulheres indígenas e periféricas aos registros da vida ribeirinha; da fabulação crítica sobre "bactérias de plásticos" às imagens que expõem a seca, a cheia, a fumaça e os ciclos extremos vividos pelo Acre; dos bordados que "reflorestam" a imagem às fotografias que denunciam a crise climática no cotidiano — cada obra afirma, à sua maneira, que a Amazônia somos nós.

Essa coleção plural revela que a arte é uma linguagem essencial para fortalecer o debate público, ampliar vozes silenciadas e promover o direito à livre expressão — fundamento democrático indispensável para enfrentar as desigualdades socioambientais e construir futuros possíveis. Ao percorrer a exposição, o público é convidado a enxergar a Amazônia para além dos imaginários distantes: aqui, ela se apresenta como território de luta, de afeto, de diversidade e de esperança. Um território que pulsa em cada artista, em cada povo, em cada rio e em cada gesto de criação.

**"A Amazônia é agora!
A Amazônia somos nós!"
não é apenas o título da mostra.
É um chamado urgente — político,
poético e coletivo — para agir, escutar
e proteger quem protege a floresta.**



PH Costa (Cruzeiro do Sul, Acre) @phcosta_fotos

Memória visual do Vale do Juruá: a Amazônia acreana em tempos extremos climáticos

"Memória visual do Vale do Juruá: a Amazônia acreana em tempos extremos climáticos" é uma série fotográfica produzida entre 2024 e 2025 que propõe uma escuta visual do território amazônico a partir de um olhar interno, afetivo e político. As imagens foram realizadas em Cruzeiro do Sul, Vale do Juruá, interior do estado do Acre e extremo oeste da Amazônia brasileira, onde o avanço da crise climática se manifesta com intensidade crescente por meio de secas severas, enchentes históricas, queimadas e fumaça que encobrem o céu. Dividida em quatro ciclos: seca, fumaça, cheia e novas queimadas, a obra traduz em linguagem visual a repetição acelerada desses fenômenos como sintomas da emergência climática e da negligência histórica em relação às populações amazônicas.

O conceito da série parte da ideia de memória como resistência: registrar é também preservar a experiência coletiva de um território que luta diariamente para existir. As imagens revelam um Acre real, pulsante, habitado (distante das representações exóticas ou distantes que ainda predominam sobre a Amazônia). Ao mesmo tempo em que documenta os efeitos do colapso ambiental, a obra afirma a vitalidade e a beleza dos povos que habitam o Vale do Juruá, reafirmando que a floresta é viva porque é feita de gente, de cuidado, de cultura e de afeto.



PH Costa (Cruzeiro do Sul, Acre) @phcosta_fotos

A mensagem central da obra dialoga diretamente com o tema “Arte, Amazônia e seus Povos: A Amazônia é agora! A Amazônia somos nós!” ao afirmar que a Amazônia não é um lugar futuro, mas um presente urgente. A série denuncia a desigualdade climática e o racismo ambiental que tornam a região Norte um dos epicentros das injustiças socioambientais do país, ao mesmo tempo em que reivindica o direito à permanência e à autodeterminação de seus povos.

Em diálogo com a COP 30, que será realizada em Belém do Pará, o trabalho busca tensionar a distância entre as grandes conferências climáticas e o cotidiano das comunidades que vivem os impactos diretos das mudanças ambientais. As fotografias convidam à reflexão sobre quem realmente paga o preço da crise climática e sobre quem tem o direito de narrar a Amazônia.

Sou amazônida, negro, gay e comunicador socioambiental, nascido no coração do Juruá. Minha criação parte do lugar de pertencimento e da vivência direta com os povos indígenas, ribeirinhos e comunidades tradicionais da floresta. Através da fotografia, busco transformar a arte em espaço de denúncia, escuta e esperança. Memória visual do Vale do Juruá é, assim, uma tentativa de dizer que a Amazônia acreana não é um território vivo, plural e ameaçado. Embora constantemente esse território seja excluído das narrativas nacionais, nós estamos aqui resistindo e construindo a floresta. Agora é o tempo da ação e da escuta. É hora do Brasil e do mundo voltar os olhos para a população acreana, afinal, nós somos a região coração do mundo.



PH Costa (Cruzeiro do Sul, Acre) @phcosta_fotos



PH Costa (Cruzeiro do Sul, Acre) @phcosta_fotos



PH Costa (Cruzeiro do Sul, Acre) @phcosta_fotos



PH Costa (Cruzeiro do Sul, Acre) @phcosta_fotos



PH Costa (Cruzeiro do Sul, Acre) @phcosta_fotos



PH Costa (Cruzeiro do Sul, Acre) @phcosta_fotos



PH Costa (Cruzeiro do Sul, Acre) @phcosta_fotos



PH Costa (Cruzeiro do Sul, Acre) @phcosta_fotos

ARTE, AMAZÔNIA E SEUS POVOS:

6 A Amazônia é agora! A Amazônia somos nós!

Aline Fidelix

(Manaus, Amazonas)

@alinefidelixx



Aline Fidelix (Manaus, Amazonas) @alinefidelixx

Território que Alimenta

O projeto fotográfico investiga práticas alimentares em territórios amazônicos a partir de registros realizados na Comunidade Quilombola Arapucu, em Óbidos (PA), e na comunidade São Raimundo, em Carauari (AM). As imagens documentam formas de obtenção, preparo e consumo de alimentos, com destaque para o peixe, base da alimentação local.

A série observa como essas comunidades estruturam sua relação com o território por meio da alimentação, lidando com distâncias, limitações de acesso e métodos tradicionais de organização do trabalho doméstico e coletivo. Também evidencia a relevância de receitas e técnicas transmitidas oralmente, muitas delas restritas ao uso comunitário e ao conhecimento de grupos específicos.

Registrar essas práticas contribui para ampliar o entendimento sobre segurança alimentar, sustentabilidade e autonomia em regiões onde o alimento depende diretamente do ambiente, da disponibilidade das águas e das formas de manejo locais. O trabalho reforça a importância de reconhecer e preservar saberes culinários que sustentam a vida amazônica, mas que raramente são incorporados às discussões formais sobre políticas públicas ou às narrativas predominantes do país.



Aline Fidelix (Manaus, Amazonas) @alinefidelixx



Aline Fidelix (Manaus, Amazonas) @alinefidelixx



Aline Fidelix (Manaus, Amazonas) @alinefidelixx



Aline Fidelix (Manaus, Amazonas) @alinefidelixx





Aline Fidelix (Manaus, Amazonas) @alinefidelixx



Aline Fidelix (Manaus, Amazonas) @alinefidelixx



Aline Fidelix (Manaus, Amazonas) @alinefidelixx



Aline Fidelix (Manaus, Amazonas) @alinefidelixx



Aline Fidelix (Manaus, Amazonas) @alinefidelixx

Aline Brant Bagre

(Paraty, Rio de Janeiro)

@aline.bagre



Aline Brant Bagre (Paraty, Rio de Janeiro) @aline.bagre

Amanhã em Mim: Ressurgência Bordada

Sou parte do povo Goytacá, habitantes originários do litoral sudeste que foram caçados e chegaram a ser considerados extintos há séculos. Hoje, ao olhar para a Amazônia, vejo o mesmo roteiro de extermínio sendo reescrito pela ganância e pelo "progresso". Nesta obra, utilizo a fotografia bordada com intervenção de miçangas e lantejoulas para criar uma segunda pele sobre meu autorretrato: uma camada bela e cintilante, mas artificial, dolorida, rígida e sufocante.

O uso desses materiais não é decorativo; é um manifesto político sobre o nosso destino. As lantejoulas refletem a luz, mas bloqueiam a respiração da imagem. Elas representam a "museificação" da vida e a dizimação transformada em souvenir. Seremos reduzidos a adereços folclóricos em vitrines de museus, admirados apenas pela estética do que fomos, enquanto nossa existência física é apagada? A obra apresenta meu rosto como um ""artefato vivo"", uma resistência contra a fossilização da identidade indígena.

Esta criação dialoga com a urgência das pautas amazônicas ao trazer o testemunho histórico da Mata Atlântica como um alerta para a COP 30. O que aconteceu com os Goytacá — a transformação da vida em lenda e do território em recurso explorado — é o perigo iminente que ronda os povos do Norte. A relevância desta obra para o tema "A Amazônia é agora" reside na denúncia de que a floresta não pode virar lantejola: um recurso brilhante, vendável, mas morto. A minha arte grita que a Amazônia precisa continuar sendo sangue, terra e ar. Ao costurar o brilho frio sobre a pele quente, convoco o espectador e os decisores globais a escolherem: queremos preservar a vida pulsante ou nos contentaremos com o brilho póstumo de uma cultura extinta?

JUL SOUSA

(Maceió, Alagoas)



JUL SOUSA (Maceió, Alagoas)

PÉ DE PATOÁ

Os corpos que vivem na floresta não estão nas mesas de negociação, mas são os que mais a protegem e os que mais sofrem com decisões tomadas longe dali. A floresta não é metáfora, é sustento, é alimento e neste momento Bê - o "Mateiro", assim são chamados os guardiões da floresta estava subindo no pé de Patoá para preparar o vinho de Patoá.

A presença humana de Bê não invade, ela compõe, habita, se adapta, se apoia. O ato de subir na árvore com uma corda é um saber ancestral, prática de coleta e sobrevivência, cuidado e coexistência. Existem pessoas que sabem viver, que se relacionam com o território sem destruí-lo, acredito que a imagem mostra a Amazônia como espaço vivido, não como cenário.

Ana Mundim

(Fortaleza, Ceará)
@mundim.ana



Ana Mundim (Fortaleza, Ceará) @mundim.ana

A presente imagem foi realizada em meio à floresta amazônica. Seu intuito é chamar atenção para a natureza que somos, buscando um híbrido entre o corpo humano e o corpo de outras espécies, para questionar o Antropoceno. A obra faz um convite para começarmos a projetar o porvir a partir de agora, rumo ao Simbioceno. Desse modo, ela reflete sobre as ações humanas em diálogo com o ambiente e coaduna com as discussões tratadas pela Cop 30.

RAPHAEL VIEIRA VASCONCELOS

(Goiânia, Goiás)

@rvvfotografia



RAPHAEL VIEIRA VASCONCELOS (Goiânia, Goiás) @rvvfotografia

A (MONO)CULTURA DE MAGRITTE

A alienação e a desumanização geradas pela lógica da comodidade (commodity). A cabeça coberta da figura sugere a perda de identidade, a incapacidade de "ver" a si mesmo ou o impacto da própria ação no ambiente. A monocultura não é apenas uma forma de produção; é uma monocultura de pensamento, que ignora a biodiversidade, a diversidade cultural e as consequências climáticas.

A obra estabelece um diálogo direto com o tema "Arte, Amazônia e seus Povos: A Amazônia é agora! A Amazônia somos nós!" ao confrontar o modelo que ameaça o bioma:

- Vetor de desmatamento e clima - o avanço da monocultura (especialmente grãos para exportação) é uma das maiores pressões sobre a Amazônia Legal e o Cerrado, sendo responsável pela conversão de vastas áreas de vegetação nativa. A obra traz essa paisagem de destruição implícita para o centro do debate.

- Sustentabilidade e soberania - o edital busca gerar reflexões sobre sustentabilidade, biodiversidade e os desafios climáticos. A fotografia questiona o custo real, ambiental e humano, da produção massiva de commodities, um tema que estará no cerne das discussões de financiamento e metas na COP 30 em Belém do Pará.

- Ameaça aos Povos - a expansão da fronteira agrícola representada na imagem implica no deslocamento e no conflito com os povos e comunidades da região, cujas culturas e modos de vida são incompatíveis com o modelo da monocultura.

Ao focar na crítica ao modelo de produção em larga escala, a obra de Raphael Vieira contribui para o debate artístico e político, instigando o espectador a refletir sobre a origem e o impacto do alimento e da riqueza que impulsionam o desequilíbrio ecológico e social na região amazônica.

Bruxa

(Altamira, Pará)



Bruxa (Altamira, Pará)

Quando a Natureza Veste o Corpo

A obra apresenta um corpo que se funde à floresta por meio de elementos vegetais coletados no próprio território amazônico. O conceito central é o de corpo-território, no qual a pessoa não é separada da natureza, mas compreendida como parte essencial dela. Ao vestir folhas, galhos e texturas da mata, a performance expressa a ideia de que a Amazônia não é apenas um espaço geográfico, mas um organismo vivo que habita, protege e também é protegido pelos povos que nela existem.

A mensagem da obra dialoga com a urgência das pautas amazônicas ao evidenciar que a destruição da floresta é também uma destruição de corpos, histórias e modos de vida. O corpo coberto pela vegetação torna-se um símbolo de resistência frente ao avanço de políticas e práticas que ameaçam o meio ambiente, os povos tradicionais e a biodiversidade. A obra reforça que defender a Amazônia é, antes de tudo, defender vidas.

Sua relevância no tema "Arte, Amazônia e seus Povos" está na capacidade de transformar uma imagem em narrativa política e sensível. A performance usa a arte como linguagem para denunciar, sensibilizar e provocar reflexão sobre a responsabilidade coletiva diante da crise climática. Em um momento em que a COP30 coloca o mundo diante do desafio de proteger o maior bioma tropical do planeta, a obra reafirma a centralidade dos povos amazônicos como guardiões do território e propõe uma estética que reconhece a floresta como extensão do corpo humano.

Ao ocupar o espaço com um corpo-floresta, a criação estabelece um diálogo direto com a urgência climática, a soberania dos povos tradicionais, e a necessidade de colocar a Amazônia no centro das decisões globais. A obra, portanto, atua como gesto político, poético e ancestral, convocando o público a enxergar a Amazônia não como recurso, mas como sujeito vivo, que exige cuidado imediato e compromisso contínuo.



Bruxa (Altamira, Pará)

Vinny Batista

(Manaus, Amazonas)

@bat.vinny



Vinny Batista (Manaus, Amazonas) @bat.vinny

Caravana ancestral rumo à COP30

Um retrato da COP30 é o movimento de fora dos espaços oficiais. Povos indígenas que se deslocaram de long para proteger os seus territórios em busca de seus direitos. Nessas viagens eles enfrentavam dificuldades mas mesmo assim se mantêm fortes. Viagens essas longas desde 9 a 5 cinco dias. É preciso que haja consciência sobre esse deslocamento.



Vinny Batista (Manaus, Amazonas) @bat.vinny



Vinny Batista (Manaus, Amazonas) @bat.vinny



Vinny Batista (Manaus, Amazonas) @bat.vinny



Vinny Batista (Manaus, Amazonas) @bat.vinny





Vinny Batista (Manaus, Amazonas) @bat.vinny



Vinny Batista (Manaus, Amazonas) @bat.vinny



Vinny Batista (Manaus, Amazonas) @bat.vinny

LUAN MATHEUS SANTOS

(Timon, Maranhão)



LUAN MATHEUS SANTOS (Timon, Maranhão)

Gritaria gráfica - a marcha das tintas na COP

A obra nasce no coração pulsante da Cúpula dos Povos, em Belém, no dia 15 de novembro de 2025 — um momento em que a Amazônia se torna o centro do mundo, não por sua abundância, mas pela urgência que ela representa. As fotografias registram a Marcha Global pelo Clima como uma grande travessia coletiva: povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, juventudes, ativistas e trabalhadores urbanos caminham lado a lado, transformando indignação em linguagem visual.

“Gritaria Gráfica – a marcha das tintas na COP” é um retrato da força visual que tomou as ruas de Belém durante a Marcha Global pelo Clima. Em meio à urgência da COP, as vozes dos povos da Amazônia, das juventudes, das comunidades tradicionais e dos movimentos sociais se transformaram em cores, traços e palavras que ocupavam cada centímetro da avenida. Era uma gritaria feita de tinta: cartazes caseiros, faixas improvisadas, símbolos ancestrais e mensagens em várias línguas formando uma paisagem vibrante, quase caótica, mas absolutamente necessária. Essa “poluição visual” desafiava a verdadeira poluição — a dos fósseis que sufocam o planeta — e mostrava que, quando os povos marcham juntos, a arte vira resistência e a rua se torna o maior painel de denúncia climática do mundo.



LUAN MATHEUS SANTOS (Timon, Maranhão)

Os cartazes — escritos em línguas diversas, grafias diversas, cores diversas — refletem uma mensagem comum: não há mais tempo. Cada imagem captura um fragmento dessa polifonia, em que a arte espontânea das ruas e a força política das vozes se misturam, dando corpo à percepção de que a crise climática não é uma ameaça distante, mas um presente que exige respostas imediatas.

O fotojornalismo aqui se transforma em ponte: entre o olhar do mundo e a resistência cotidiana da Amazônia; entre a dureza dos dados científicos e a beleza da mobilização popular; entre a urgência das negociações da COP 30 e a sabedoria ancestral dos povos que defendem a floresta há séculos.

A relevância da obra está justamente na forma como ela revela — com afeto, rigor e presença — que a solução para a crise climática não virá apenas dos acordos internacionais, mas da força dos povos indígenas, do conhecimento quilombola, da experiência das comunidades tradicionais e da pressão da sociedade civil organizada.

Cada fotografia, portanto, é um testemunho e um chamado: um lembrete de que a Amazônia está viva, que seus povos levantam a voz, e que o mundo precisa escutar antes que o silêncio se torne irreversível.



LUAN MATHEUS SANTOS (Timon, Maranhão)



LUAN MATHEUS SANTOS (Timon, Maranhão)



LUAN MATHEUS SANTOS (Timon, Maranhão)



LUAN MATHEUS SANTOS (Timon, Maranhão)



LUAN MATHEUS SANTOS (Timon, Maranhão)



LUAN MATHEUS SANTOS (Timon, Maranhão)



LUAN MATHEUS SANTOS (Timon, Maranhão)



LUAN MATHEUS SANTOS (Timon, Maranhão)



LUAN MATHEUS SANTOS (Timon, Maranhão)



LUAN MATHEUS SANTOS (Timon, Maranhão)



LUAN MATHEUS SANTOS (Timon, Maranhão)

Paulo Cantalice

(Borba, Amazonas)

@paulo_cantalice



Paulo Cantalice (Borba, Amazonas) @paulo_cantalice

O Cardume

Transmitir através das cores e formas a necessidade da perfeita harmonia entre homem e natureza. A arte da Amazônia está no rosto do Índigena, do branco e do caboclo. A arte da Amazônia está na água não poluída dos rios e no peixe sem contaminação por mercúrio.

Fernanda Fidelis

(Cuiabá, Mato Grosso)

@ferpakkj

Coluna de vida

Ao encontrar a árvore registrada na fotografia, enxerguei nela uma verdadeira “Coluna de vida”, uma estrutura que sustenta, abriga e conecta tudo ao seu redor. O título nasce dessa percepção: assim como uma coluna mantém uma construção de pé, a Amazônia mantém em equilíbrio nosso clima, nossa cultura e nossa própria sobrevivência. A imagem expressa essa força vital que brota da natureza e nos lembra que dependemos diretamente dela.

No contexto do tema “Arte, Amazônia e seus Povos”, a obra reforça que a floresta não é apenas um cenário, mas um organismo vivo que molda modos de vida, memórias e identidades. A árvore-fonte, transformada em símbolo, evoca a ancestralidade dos povos amazônicos, que compreendem essa relação de interdependência há séculos. Assim, a fotografia traz à superfície uma mensagem de respeito e escuta: preservar a Amazônia é, antes de tudo, preservar sua gente. “Coluna de vida” dialoga com a urgência global de proteger o bioma diante das mudanças climáticas, do desmatamento e das pressões econômicas.

A fotografia se soma a esse debate ao afirmar que não existe futuro possível sem essa coluna natural que nos sustenta. A obra, portanto, é um chamado para que reconheçamos o papel vital da Amazônia e assumamos a responsabilidade coletiva de mantê-la de pé.



Fernanda Fidelis (Cuiabá, Mato Grosso) @ferpakkj

Daniel Leandro/ACASFC

(Comunidade São Francisco do Caramuri, Manaus, Amazonas)
[@caramurisustentavel](#)



Daniel Leandro/ACASFC (Comunidade São Francisco do Caramuri, Manaus, Amazonas) @caramurisustentavel

Luz da Floresta: Narrativas Fotográficas da Vida Ribeirinha de São Francisco do Caramuri

Luz da Floresta: Narrativas Fotográficas da Vida Ribeirinha é uma obra que nasce da urgência do tempo presente e da resistência silenciosa dos povos que vivem a Amazônia no cotidiano. Por meio da fotografia documental, a série revela a força, a fragilidade e a dignidade das famílias ribeirinhas da Comunidade São Francisco do Caramuri diante de um cenário marcado por secas severas, escassez de água e desafios crescentes para o escoamento da produção da agricultura familiar — impactos que já são consequência direta das mudanças climáticas discutidas na agenda da COP30.

As imagens retratam mais do que paisagens alteradas pela estiagem: apresentam rostos, gestos e trajetórias de mulheres, homens, jovens e crianças que reinventam diariamente formas de viver, plantar, navegar e sobreviver quando o rio, antes abundante, se retrai e deixa expostos os caminhos invisíveis da floresta. São fotografias que capturam o esforço das famílias para acessar água potável, transportar alimentos, proteger suas roças e manter viva a cultura ribeirinha mesmo quando a natureza, afetada por um clima extremo, impõe novos desafios.

O conceito da obra se assenta em três pilares: visibilidade, resistência e florestania. Visibilidade, porque coloca em foco um território que raramente é retratado na centralidade dos debates climáticos. Resistência, porque mostra que os povos da Amazônia não são vítimas passivas, mas agentes que criam soluções, reinventam trajetórias e mantêm a vida pulsando mesmo nos momentos de maior adversidade. E florestania, porque cada fotografia reafirma que a identidade ribeirinha é inseparável da floresta, do rio, do território e das relações profundas entre pessoas e natureza.

A mensagem central da obra é simples e, ao mesmo tempo, urgente: a crise climática já está acontecendo na Amazônia — e os primeiros a sentir seus efeitos são justamente aqueles que mais protegem a floresta. Ao trazer a experiência real vivida no Caramuri, a obra provoca o público a reconhecer que os povos amazônicos são protagonistas do cuidado ambiental e que suas narrativas precisam ser colocadas no centro das decisões globais discutidas na COP30.

Em diálogo com o tema “Arte, Amazônia e seus Povos”, a série fotográfica transforma a dor e a luta das comunidades ribeirinhas em arte, sensibilidade e denúncia. As imagens convidam o público a enxergar a Amazônia para além do imaginário distante e romantizado: aqui, a floresta é luz, mas também é escassez; é berço de vida, mas também território em disputa; é beleza, mas também alerta.

Assim, “Luz da Floresta” se torna um chamado — estético, político e humano — para que a Amazônia seja vista, respeitada e defendida não apenas nos discursos, mas nas ações concretas. As fotografias revelam que preservar a floresta significa proteger seus povos, suas águas, seus modos de vida e suas histórias, especialmente diante do futuro climático que se aproxima.



Daniel Leandro/ACASFC (Comunidade São Francisco do Caramuri, Manaus, Amazonas) @caramurisustentavel



Daniel Leandro/ACASFC (Comunidade São Francisco do Caramuri, Manaus, Amazonas) @caramurisustentavel



Daniel Leandro/ACASFC (Comunidade São Francisco do Caramuri, Manaus, Amazonas) @caramurisustentavel



Daniel Leandro/ACASFC (Comunidade São Francisco do Caramuri, Manaus, Amazonas) @caramurisustentavel



Daniel Leandro/ACASFC (Comunidade São Francisco do Caramuri, Manaus, Amazonas) @caramurisustentavel



Daniel Leandro/ACASFC (Comunidade São Francisco do Caramuri, Manaus, Amazonas) @caramurisustentavel



Daniel Leandro/ACASFC (Comunidade São Francisco do Caramuri, Manaus, Amazonas) @caramurisustentavel

Dighetto

(Manaus, Amazonas)

@dighetto



Dighetto (Manaus, Amazonas) @dighetto

Entre Rios

"Entre Rios" mostra o rosto indígena meio submerso para simbolizar a conexão vital entre povo e água na Amazônia. A obra revela que o rio não é paisagem, é identidade e que preservar o território passa por ouvir quem historicamente o protege. No contexto da COP30, a fotografia reforça a urgência de reconhecer os povos amazônicos como protagonistas nas decisões climáticas e guardiões vivos da floresta e de suas águas.



LEONARDO COSTA BRAGA

(Belo Horizonte, Minas Gerais)
[@leonardocostabraga](#)



LEONARDO COSTA BRAGA (Belo Horizonte, Minas Gerais) @leonardocostabraga

A Fábula das Bactérias de Plásticos do Rio Negro

Por volta do início do ano 2020, no Rio Negro, o segundo maior rio do mundo em volume de água e o maior afluente do Rio Amazonas, se descobriu uma epidemia das “Bactérias de Plásticos”. Estes seres viviam abaixo da superfície do rio, eram como monstros de plásticos que iam se quebrando em milhões de fragmentos e contaminando o intestino e vias respiratórias de quase todos os animais aquáticos e seres humanos da Amazônia, tendo consequências graves para a sobrevivência de todo o ecossistema da maior floresta Tropical do mundo. A epidemia foi tão devastadora, que dos rios se estendeu aos oceanos. Por volta de 2050 haviam mais “bactérias plásticas” que todos os tipos de seres vivos aquáticos, numa destruição monstruosa da cadeia de reprodução da vida animal e da possibilidade de alimentação aos seres humanos.

O ensaio fotográfico propõe que existe uma interdependência entre todos os corpos em movimento no Planeta Terra, questionando o discurso que o “Ser Humano” é uma entidade diferenciada e superior a própria Natureza. Por outro lado, coloca os objetos artificiais, como o plástico, em uma derivação mutante da própria representação do corpo e da mente humana, como se fosse uma Inteligência artificial que se volta contra o seu criador e o aniquila, sufocando seus recursos naturais e órgãos biológicos. Na fábula fotográfica coloco meu próprio corpo numa simbiose com os animais aquáticos, na possibilidade de uma união e sobrevivência dos seres vivos contra a destruição e dominação pelas “Bactérias de Plásticos”.



LEONARDO COSTA BRAGA (Belo Horizonte, Minas Gerais) @leonardocostabraga

Apenas para termos alguns dados científicos do problema, o Laboratório de Ecologia e Conservação da Universidade Federal do Pará, observou que 98% dos peixes coletados em nascentes e rios amazônicos estavam contaminados com algum tipo de plástico; em média cada espécie tinha seis pedaços de plásticos dentro do corpo. O Rio Amazonas, junção do Rio Negro com o Rio Solimões, quando chega no Oceano Atlântico despeja cento e cinquenta mil toneladas de resíduos sólidos, dos quais 80% são plásticos.



LEONARDO COSTA BRAGA (Belo Horizonte, Minas Gerais) @leonardocostabraga



LEONARDO COSTA BRAGA (Belo Horizonte, Minas Gerais) @leonardocostabraga



LEONARDO COSTA BRAGA (Belo Horizonte, Minas Gerais) @leonardocostabraga



LEONARDO COSTA BRAGA (Belo Horizonte, Minas Gerais) @leonardocostabraga



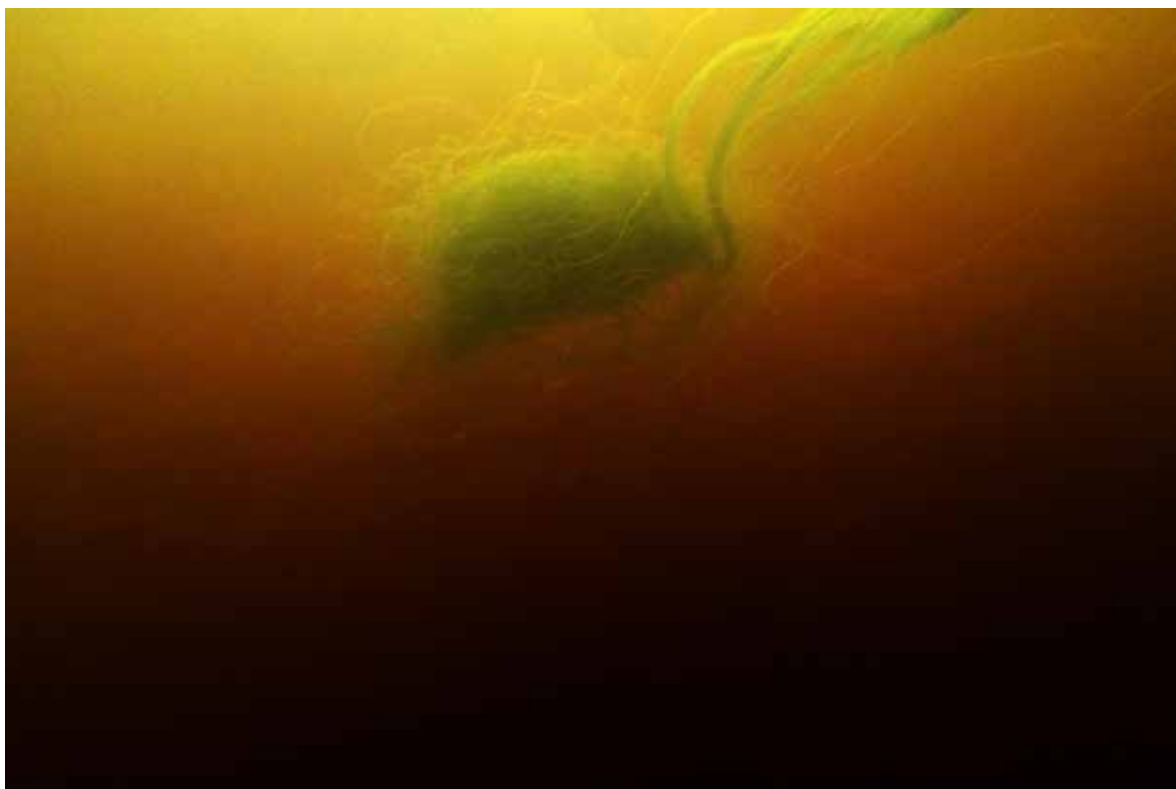
LEONARDO COSTA BRAGA (Belo Horizonte, Minas Gerais) @leonardocostabraga



LEONARDO COSTA BRAGA (Belo Horizonte, Minas Gerais) @leonardocostabraga



LEONARDO COSTA BRAGA (Belo Horizonte, Minas Gerais) @leonardocostabraga

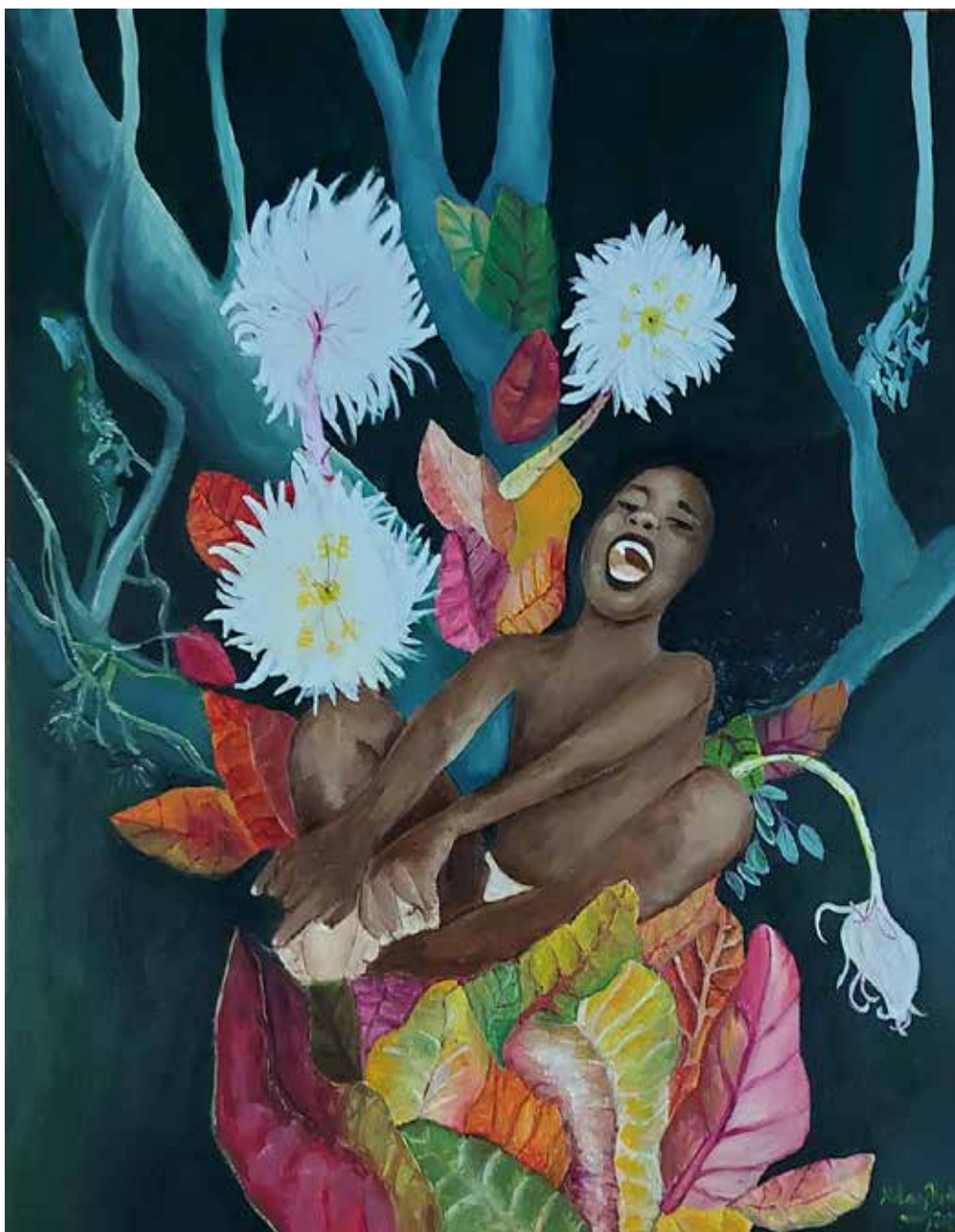


LEONARDO COSTA BRAGA (Belo Horizonte, Minas Gerais) @leonardocostabraga

Natany Rodrigues

(Parauapebas, Pará)

@natanyrsilva



Natany Rodrigues (Parauapebas, Pará) @natanyrsilva

Marina e a Flor-da-lua na Amazônia

A flor-da-lua floresce na Amazônia apenas uma vez por ano, durante uma única noite, tornando este momento especial, encantador e misterioso. Sua breve existência ressalta o valor de se apreciar e proteger as maravilhas da floresta. As ilustrações de Margaret Mee, artista e botânica, servem de inspiração para a pintura que busca representar a importância de contemplar a Amazônia em toda a sua diversidade e beleza. Assim como a flor-da-lua, essas riquezas naturais são passageiras e merecem atenção e cuidado constante. Ao associar a imagem da flor com a de uma menina alegre, que parece florescer junto à flor-da-lua, reforça-se a ideia de que o momento de cuidar do futuro é agora. Permitir-se envolver pela natureza é essencial, pois ela clama por nosso cuidado e amor.

Jimmy Rus

(Uberlândia, Minas Gerais)



Jimmy Rus (Uberlândia, Minas Gerais)

Marco Temporal

A obra Marco Temporal foi produzida dentro da linguagem das Histórias em quadrinhos, onde procurei abordar temas socioambientais e políticos de maneira simbólica e crítica. Na imagem, que trata do debate sobre o Marco Temporal, o principal elemento visual — a mão indígena erguendo um maracá — funciona como um símbolo de resistência, ancestralidade e legitimidade territorial. O fundo em cores intensas, contrastado pela silhueta da floresta e do horizonte, reforça a tensão entre ameaça e sobrevivência.

O conceito central da obra nasce da pergunta “Quem são os verdadeiros ‘donos’?”, apontando diretamente para a importância dos povos originários como guardiões históricos da Amazônia. A proteção da floresta não é apenas uma questão ambiental, mas também de justiça social, reconhecimento cultural e reparação histórica.

No contexto da COP 30, a obra ganha relevância ao dialogar com a urgência das pautas amazônicas: a preservação dos biomas, o enfrentamento às políticas de retrocesso, o combate à apropriação indevida de terras e a valorização dos saberes indígenas.

Assim, minha criação além de fazer um resgate pessoal, visto que tenho uma bisavó de origem indígena, atua como um convite para que o observador reflita sobre a relação indissociável entre Amazônia, cultura indígena e crise climática. A arte, nesse caso, funciona como ferramenta de denúncia, memória e educação, ajudando a ampliar o debate público e reforçando que o caminho para a sustentabilidade global passa necessariamente pelo reconhecimento e pelo respeito aos povos originários.

Alícia Bianca

(Boa Vista, Roraima)

@fabricadedesenhos_rr



Alícia Bianca (Boa Vista, Roraima) @fabricadedesenhos_rr

A Ferida de Kopenawa

Nesta obra, a figura xamânica é usada como metáfora viva da floresta e de seu espírito. O pajé, guardião entre o mundo visível e o mundo espiritual, torna-se, aqui, a própria tela onde a dor da terra se manifesta.

O fogo, que devora os matos e lavrados de Roraima, aparece como uma ferida aberta no peito. Não é apenas a natureza que queima: é a memória, a ancestralidade, a tradição, a espiritualidade. A chama atravessa o corpo do guardião para mostrar que, quando a floresta sofre, o povo sofre com ela.

A lágrima que desce pelo rosto carrega o peso de séculos de sabedoria ameaçada. É o choro dos que veem, sentem e protegem, mas também dos que são feridos pela destruição que não provocaram.

"A Ferida de Kopenawa" é um grito de memória e um apelo imediato por justiça climática, dialogando diretamente com o tema do concurso. Ao nos mostrar que a dor da floresta está gravada no corpo do Pajé, a arte afirma: "A Amazônia somos nós!" Proteger o povo, a cultura e a sabedoria ancestral são o único caminho para curar a ferida da Terra-Floresta. A obra é um chamado à ação, refletindo a urgência do "A Amazônia é agora!" no contexto da COP 30.

Esta obra é um manifesto visual que personifica o sofrimento e a resistência da Amazônia através da figura de Davi Kopenawa Yanomami, o Xamã, líder e guardião da floresta.

O coração em chamas, no centro do peito, simboliza a ferida profunda causada pelo garimpo ilegal, pelos incêndios e pela invasão do território Yanomami. Não é apenas uma ferida na terra, mas um dano direto à alma e à essência do povo.

A lágrima e a expressão de dor de Kopenawa, contrastando com a força do urucum (a pintura de luta e proteção) e o maracá/lança (instrumentos de cura e defesa), traduzem a urgência da situação.

O coração ferido simboliza o impacto do garimpo ilegal (especialmente na Terra Indígena Yanomami), do desmatamento e das queimadas, que são as maiores ameaças à Amazônia. A obra coloca o sofrimento indígena no centro do debate climático.

Ao ligar a saúde do corpo do xamã à saúde da Terra, a obra reforça a visão indígena da interconexão entre natureza e humanidade.

A figura de Kopenawa, em postura de luta e resistência (com a lança e o maracá), simboliza o protagonismo indígena como a linha de frente da defesa ambiental. A obra lembra que proteger os povos é a forma mais eficaz e urgente de proteger a floresta contra o desmatamento e o aquecimento global, validando a visão de mundo indígena na busca por soluções climáticas.



Léu (Cacoal, Rondônia)

Cultivar com respeito para colher com consciência

A obra nasce do entendimento de que a Amazônia não é apenas um bioma, mas um território vivo, habitado e construído por povos que carregam saberes ancestrais, modos de vida diversos e relações profundas com a terra. O conceito central é revelar a força desses vínculos e evidenciar como a arte pode ser uma linguagem de resistência, cuidado e memória em meio às ameaças que recaem sobre a região.

Por meio da imagem, a obra destaca o gesto de cultivar seja a terra, a cultura ou a própria identidade como símbolo de continuidade e resistência. É um convite para olhar para a Amazônia a partir de dentro, através das mãos que plantam com consciência e sustentam a vida no território. A mensagem principal é simples e poderosa: Cultivar com sabedoria é cuidar da Amazônia e das pessoas que a mantêm de Pé.

EXPOSIÇÃO



ARTE,
AMAZÔNIA
E SEUS POVOS:

A Amazônia é agora!
A Amazônia somos nós!

ARTIGO¹⁹

DEFENDENDO A LIBERDADE DE
EXPRESSÃO E DE INFORMAÇÃO

artigo19.org